3 1761 06862615 9

Oliveira, Isaias de
Reliquias

PQ
9697
O55R4

ISAIAS DE OLIVEIRA

RELIQUIAS

VERSOS

Rio

MCM

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/reliquiasversos00oliv

ISAIAS DE OLIVEIRA

Reliquias

(VERSOS)

MCM

RIO DE JANEIRO

PQ
9697
O55R4

Paysagens

Paysagem

Na floresta chilreava a passarada,
Saudando alegre o sol resplandecente;
A luz exhuberante enchia a estrada
De uma poeira d'ouro refulgente.

Mais além, da montanha na quebrada,
Surge entre a calidez do sol ardente,
Uma brilhante e extensa cavalgada,
Ruidosa, a galopar confusamente...

E a floresta immergia luminosa,
Como da tarde a estrella grandiosa,
Do claro resplendor da natureza...

E o céu por cima, concavo e azulado,
Completava solemne, almo, sagrado,
Deste painel a divinal grandeza.

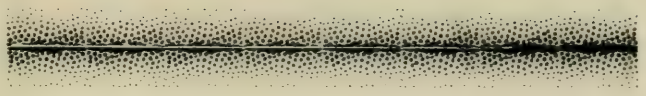
O penhasco

Desperta no horisonte a madrugada,
Fresca, sadia, nitida e radiante:
Mixto de luz e sombra, aureolada
Pela scentelha do astro flammejante.

Ergue-se da montanha ennevoada,
Envolto em cabelleira fluctuante,
O penhasco de fronte levantada,
Altivo para o céu, calmo e possante...

E o sol os raios vai espadanando,
E os flócos de neblina espiralando,
Vão pelos ares tépidos fugindo...

E o dia a scintillar, de sol banhado,
Repelle para a terra, angustiado,
O penhasco que ao céu ia subindo.



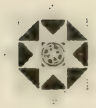
A estrada

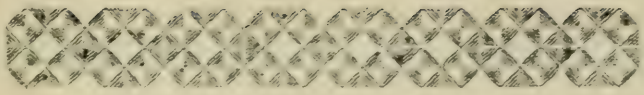
Cerrado bosque cheio de surprezas...
Vêm-se rolar as aguas das cascatas:
Nas densas ramarias, nas devesas,
Passam rapidas corças timoratas.

O sol a prumo; as arvores accesas,
Farfalham suavissimas sonatas,
Lembrando estranhas lendas de proezas,
Que o scenario tiveram nessas mattas...

Despenhadeiros, murmuras correntes,
Impetuosas, turgidas, rolando
Sobre os troncos annosos resistentes.

Lobriga se afinal uma baixada:
Cerra a brenha outra vez—depois, é quando,
Vê-se surgir placidamente a estrada.





Plenilunio

Succede ao dia fulgido, risonho,
Uma risonha noite estrellejada...
Rapido o céu transmuda-se tristonho,
E' pela treva a noite amortalhada.

E o céu se obumbra, turgido, medonho,
—Plumbea cupola para nós voltada.—
Visão sinistra e lugubre de um sonho:
Ferve do mar a longa espumarada...

E estruge o trovão, fero e retumbante ;
O raio estala, rubro, electrisante,
Circulos pelos ares recortando...

Cessa o fracasso, emtanto, e magestosa
Ergue-se altiva, clara, gloriosa,
A lua o espaço inteiro illuminando.

Do alto

Parte o carro veloz sobre a montanha:
E' dia: como laminas polidas,
Scintilla embaixo a casaria estranha:
O fumo sáe das chaminés erguidas.

E o carro sobe — ora um declive ganha,
Emquanto as aves celeres, perdidas,
Deixam os arvoredos que o sol banha,
E vão-se em revoada, foragidas.

Que grandioso e bello panorama!
Por toda a parte a vista se derrama,
E um novo e raro encanto descortina!

E em cima — pelo azul illuminado,
Sobre um frouxel de nuvens rendilhado,
O sol ergue a cabeça leonina!

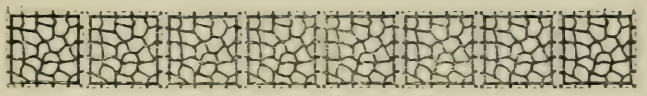
Estrellas

Desce no Occaso o sol esbrazeado,
Numa orgia de fogo mergulhando ;
Ferve a espuma vermelha borbulhando,
Na convulsão do mar encapelado.

O' grande bacchanal ! todo curvado
O céu por sobre a terra, augusto e pando,
Serve de taça ao sol estonteado,
Que os vapores do fumo vai soprando...

E o vácuo immenso e fundo das espheras,
Onde eternas fulguram primaveras,
Enche-se, então, de gottas luminosas. .

E por toda a extensão do espaço infindo,
Um diluvio de estrellas vai surgindo,
Das gottas do sol, claras e gloriosas.



Vesper

Feixes de luz á terra despedindo,
O sol no Occaso tomba avermelhado;
Desce ao banho da chamma sacudindo
A poeira fulva — grande, aureolado.

A noite, então, se alonga pelo infindo
Espaço e accende fogos de noivado;
Os astros d'ouro pendem reluzindo,
Na extensão do céu puro, immaculado.

E o mar a fauce enorme e glauca estende
A' lua — quer sorvêl-a num extenso
Hausto de abysmo fervido, iracundo...

Então, em pleno azul Vesper esplende,
Como surgindo do connubio immenso,
Da lua plena e do amplo mar profundo.

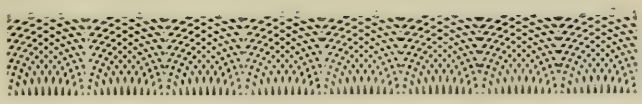
Vesuvius

Eis que o vulcão vomita a lava incandescente.
Convulso, cheio de odio, esfumaçado, iroso;
Quer engolir o mar, sorver o continente,
Abrindo a bocca hiante e o seio tumultuoso.

Dentro daquelle peito estúa eternamente
A grande ebulição. O' quadro pavoroso!
Uma montanha em braza erguendo a chamma ardente,
Para os céus envolver num fremito de goso!

... Crateras infernaes! labaredas immensas!
Porque o mundo quereis em convulsões intensas,
Lentamente arrastar ao negro sorvedouro?!

Tumulo de Titãs, maldito rebelado,
Sereis eternamente — ó triste condemnado:
Monstro de luz clamando ao céu immorredouro.



Impressionista

Da primavera a pompa aurifulgente,
Reverdece a planura e doura os cimos ;
Um riso festival, omnipotente,
Raia nos ares lucidos, opimos.

Um perfume se evola em cada planta,
O mysterio aromal accende as flôres ;
Por todo o céu que de volupia ! quanta
Harmonia nas aves multicôres !

Abrem-se á flux as luridas corolas,
De galas se atavia a natureza:
Nos arvoredos sôam barcarolas:
Em tudo vê-se uma paixão accesa.

Avulta ao longe a fita das montanhas;
Fulgidas festas! aureas! scintillantes!
Os ares cheios de canções estranhas,
Beijos resôam n'alma dos amantes.

Luzem no espaço as viridentes comas
Das arvores esguias d'outras eras;
Trescala em tudo mysticos aromas,
A luz fulgura e canta nas espheras.

Santas volupias, musicas sagradas
Ferem-me o peito — magico instrumento:
Vibram fanfarras, surgem madrugadas,
E aos sons e á luz dirijo o pensamento!

Buccolicas

Eu quero cantar agora,
Ternas canções jubilosas,
Feitas de sonhos da aurora,
Cheias de luz e formosas.

Fujam as nuvens sombrias
Pelos ares esgarçadas;
Quero luz, quero harmonias,
Venturas nunca sonhadas!

Quero sentir os bafejos,
Da aragem que revigora,
Desalterar-me de beijos,
Seguir pelos campos fóra.

Como é risonho este prado,
Que o sol de luz purpureja,
Parece um ninho sagrado,
Feito na torre da igreja !

Um regato serpenteia,
Entre os seixos do caminho :
De flôres a relva cheia,
De aromas tressúa o ninho.

Além se estende a campina,
Graciosa de frescôr,
Mais adiante a collina
Ergue-se do valle em flôr.

O gado que vem mugindo
Eccos desperta distantes,
Que vão aos poucos cahindo,
Como suspiros de amantes.

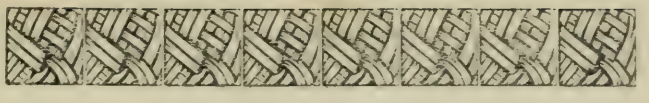
Bandos fulgentes, alados,
De fugaces beija-flôres,
Osculam apaixonados
A fragrancia dos verdores.

Tudo murmura uma prece,
Se evola um hymno por tudo,
E a Natura fulguresce,
Sob a curva do céu mudo!

Lyrica

The more I see of men, the less I like them; if I could say so of women too, all would be well.

BYRON.



Sonhando

E' noite. O espaço inteiro resplandece :
Uma alluvião de sóes, tremulamente,
Se pendura do céu. Eis que apparece
A lua— casta e bella eternamente.

Em minh'alma, porém, não anoitece,
Que um sol a abraza, rubido e inclemente,
Um grande sol, o amor, que cresce, cresce,
Em proporção que augmenta o sonho ardente.

Dentro d'alma ouço a musica do beijo:
Pantheras da luxuria e do ciume,
Fazem ahi um duo enorme e eterno...

É um tumultuar de gosos, um desejo
Nunca vencido— um mixto, pois, resume:
O céu azul, o mar e o negro inferno.

Post tenebras...

Não vejo o sol surgir, raiar a primavera,
Os corações não vejo arfarem de alegria:
Uma treva fatal que mil pavores gera,
Apagou do universo a lucida harmonia.

Oscilla-me a razão, como um astro na esphera,
E julgo vêr do mundo a proxima agonia;
O' destino cruel! dentro d'alma eu quizera
Vêr o horror desta noite immensamente fria...

Minh'alma é como o mar—anceia eternamente:
Sinto dentro as paixões chocando-se nas fragas,
Quando o amor, temporal da carne, brame e estúa.

Mas, ó bemdita luz! vejo-te agora em frente,
Como a deusa pagã surgindo dentre as vagas,
Soberba, esculptural, inteiramente núa!

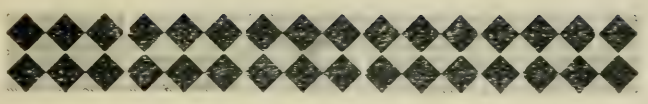
Rio de amor

Na placidez de suas aguas claras,
Quantas vezes o lago murmuroso,
Guarda silente as convulsões amaras,
Que lhe rugem no seio tormentoso!

Tambem, ás vezes, com supremo goso,
Sentimos essas convulsões tão caras,
Cerramol-as no peito tumultuoso,
Como num bello escrinio joias raras...

Não estranhes, portanto, minha amada,
Que eu não estampe no meu rosto frio,
Toda a paixão fremente que me inflamma...

Ella está dentro d'alma sopitada,
E vai romper em caudaloso rio,
Rio de amor, feito de sangue e chamma.



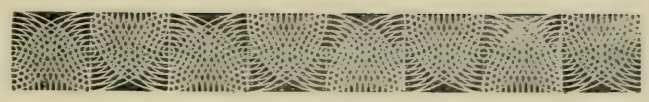
Miragem

Vejo-te em sonho, núa e palpitante.
Esquiva como um passaro e medrosa :
Velando ao meu olhar electrisante,
De teus seios a curva deleitosa.

Ardo em desejos lubricos de amante ;
Beijo febril a pôlpa côr de rosa,
De teu corpo phantastico e vibrante,
Como as cordas da lyra sonorosa.

Divino instante ! magico momento !
Aos páramos do gôso e do peccado,
Subo convulso, sem atilamento...

Emtanto, os olhos abro, eis-me desperto :
Beduino audaz procuro allucinado,
A miragem do amor neste deserto :



Passaros

Quando o sol nasce, vamos a miudo
Ao campo respirar as auras gratas :
O céu sereno, a relva de velludo,
Soltam as aves languidas volatas.

Manhãs vibrantes ! pelo bosque mudo,
Umas risadas limpidas desatas...
Que aragem ! que frescôr ! sente-se em tudo
O cheiro agreste e singular das mattas.

De repente, um sussurro no arvoredo:
Fallas baixinho, perturbada, a medo,
Com a graça infinda que em teus labios mora...

Depois, faço aplacar o teu vexame,
E alegre vês dos passaros o enxame,
Partir cantando pelo azul em fóra.

Extase

Quando ella passa, ó céus! triumphalmente,
Mostrando num sorriso o enfeixe raro
Das perolas, meu peito um tremor sente,
Mudo de espanto, cambaleio e paro.

Escuto-a andar, pisando o solo ardente
Das minhas effusões em desamparo;
Não sei que sonho máu me envolve a mente,
Quando a vejo passar e ousado, a encaro!

Eu que dos céus a graça nunca imploro,
Quando ella passa, de joelhos, óro,
Na fervorosa prece fico immerso...

Quando ella passa, emfim, como um duende,
Na esteira de seu passo, em fogo, accende
O candelabro opimo de meu verso.

Fakir

Certo, não sabes, a ancia que me dava,
De te envolver num turbilhão de beijos,
Quando te via a cabelleira flava,
Rolar em catadupa de lampejos.

Dentro de mim um passaro vibrava
A estranha symphonia dos desejos:
Como eras bella! no meu peito a lava
Fervia, como o mar, em rumorejos.

O olhar eu tinha em laminas aberto:
Em torno, além, intermino deserto,
Brilhando no alto a Lactea de teu collo...

Corri para abraçar-te em desvario,
Mas fiquei, vendo o teu olhar vasio,
Como um fakir estatelado ao solo.

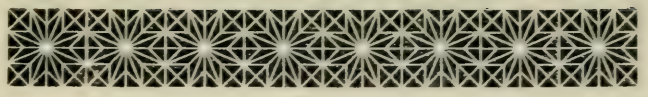
Ave!

Eil-a! sáe-lhe do ninho flavescente
Dos cabellos, o busto almo e correcto;
Eil-a que passa! sente-se no ambiente
Um perfume balsamico, discreto.

Ao vêl-a assim, se me perturba a mente,
E tremo e soffro! emtanto, anjo dilecto,
O supplicio de achar-me em tua frente,
E' para mim o goso mais completo...

Eil-a que passa, illuminando tudo,
Emquanto inerte, sem applausos, mudo,
Vejo passar serena a flôr da graça.

Eil-a que passa, torre de alabastro!
Correm p'ra vêl-a os sylphos de astro em astro,
Eil-a que passa, emfim, eil-a que passa.



Olhar

Olhar divino, philtro adocicado,
Olhar magico de ebano luzente!
Opio que me conturba allucinado,
Negro pharol! facho de amor candente!

Em ti desnudo o portico dourado
Do grande templo augusto, refulgente,
Onde celebro a missa do peccado,
Onde os joelhos dobro reverente.

O' divino olhar! páramo do Empyreo,
Claro ascensor das regiões do goso,
Val do prazer, caminho do delirio...

Contigo irei aos campos do infinito:
Leva-me, pois, olhar luxurioso,
Divino olhar que eternamente fito!

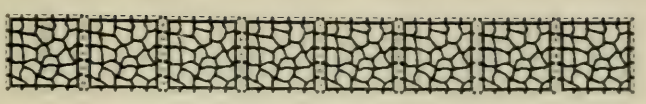
Passeio

Manhã de primavera, alegre e scintillante:
Aromas pelo espaço, aves pelo caminho;
Atraz do cerro azul, eis surge o sol ovante,
Inundando de luz o valle extenso e o ninho.

Mais bella que a manhã, mais fresca e radiante,
Vinhas ao lado meu, travesso passarinho!
Cheia de graças mil, de gorgeios de amante,
Em teu olhar bolhando um deleitoso vinho.

A passarada alacre, o arroio crystalino,
O denso bosque, o sol que vinha apparecendo,
As montanhas ao longe em linhas caprichosas...

Tudo quanto fulgura e resoa um grande hymno
Erguia triumphal — e nós iamos correndo,
Sob uma chuvarada olympica de rosas.



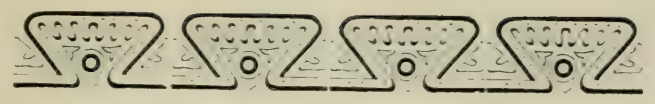
Allucinação

Anceio por te vêr, ando, procuro,
Os horisontes cinjo num instante;
Mares em fóra, olhar de Palinuro
Alongo — em vão te busco, fórma errante

Largos c[illegible] fundos ares eu perfuro,
E sou por to[illegible]a parte pesquizante;
Ninguem — no mundo tumular, escuro,
Dá-me noticias tuas, minha amante,

Pergunto aos céus, os astros eu consulto,
Se acaso viram teu gracioso vulto,
Esse perfil de garça que se espalma...

E de bradar teu nome exhausto e rouco,
Allucinado, delirante, louco,
A voz te não ouvia dentro d'alma.



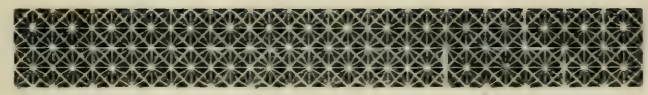
Anhelo

Longe do mundo vil, num sitio ameno,
Cheio de sombra, canticos e flôres,
Anceio restaurar em goso pleno,
Os dias de negror, desoladores.

Anhelado porvir, calmo e sereno!
Não ouvirei o crepitar das dôres;
Não sentirei das fallas o veneno;
Longe dos homens, longe dos horrores.

Não mais verei o abutre da maldade,
Abrir as azas negras, inclemente,
Para abafar das almas os anceios...

Não mais verei, ó rutila deidade!
O olhar dos máus ferir-te bestialmente,
A candidez olympica dos seios.



Aspiração

Maguas sem conto vou carpindo átoa,
Atravéz deste val de desenganos;
A minha voz soturna não eccôa,
Nem repercute aos lucidos arcanos!

Quizera vida confortada e boa,
Longe dos crimes horridos, insanos,
No Canaan tranquillo onde não sôa,
O plangente gemido dos humanos!

Quizera, meu amor, ditosamente,
Envolver-te na chamma do delirio,
Que me incendeia o peito reverente...

Quizera na amplidão fazer meu ninho,
Viver no teu regaço ao sol do Empyreo,
Feliz morrer libando o teu carinho.

Velha historia

Vejo-te, emfim, rendida aos meus affectos,
Domada alegremente aos meus desejos;
Do amor tecendo os sonhos predilectos,
Ouvindo em tudo musicas de beijos.

Raiam-me n'alma fulgidos aspectos,
De um rutilar estranho de lampejos;
Sinto perfumes magicos, dilectos,
Ouço murmurios ternos, bemfazejos.

Todo o meu ser desdobra-se em ardores :
A chamma da volupia despertada
Accende o candelabro dos fervores...

Assim, mulher, tua affeição comprova,
E vamos ler em pagina dourada,
Do amor a velha historia sempre nova.

As amoras

Chegou, emfim, o tempo das amoras ;
Passaros mil sussurram no arvoredo ;
E tu, lucida flôr, as faces coras,
Porque te digo cousas em segredo.

Verde pleno ! um arroio tortuoso
Segue indolente pelo bosque denso ;
Como o teu collo deve estar cheiroso,
Para abrigar o meu amor immenso !

Chegou, emfim, o desejado dia,
Dos saborosos pomos sazonados;
Vamos colhel-os, flôr, na ramaria,
O céu azul! os ares perfumados!

Sonho?! Grande prazer aqui se sente,
Vôa pelo ar o aroma da baunilha;
Tanta delicia! tem vontade a gente,
De comer sempre destes pomos, filha!

Depois iremos nós pelos caminhos,
Comnosco o bando alacre dos desejos,
Em alvoroço despertando os ninhos,
Ao rumor festival dos nossos beijos.

Agora escuta, sim? já se avoluma
No peito meu certa vontade louca,
De colher, em delirio, uma por uma,
As amoras em flôr de tua bocca.

Marinha

Vamos, amada, cantemos
O nosso amor sobre as aguas,
Sob o murmurio dos remos,
Do mundo calam-se as maguas.

Cortando as ondas de leve,
O batel voga risonho,
Como um cysne que descreve,
A' flôr das aguas um sonho.

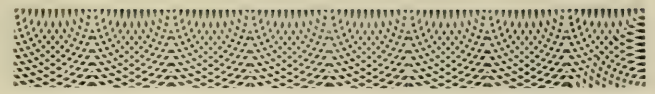
O mar um leito parece,
Disposto para um noivado ;
Ouçam-me os céus esta prece :
—Quero viver sempre amado.

Eis que a noite se approxima,
A treva envolve os amantes ;
Com refulgencias de rima,
Os beijos vôam distantes.

Mais além, no espaço, longe,
Rasgando as nuvens, desata
A lua — a face de monge,
Um largo rio de prata.

...O' minha amada, o barqueiro
Dorme inerte sobre a vaga,
Porque o licôr traiçoeiro
Deste luar o embriaga...

Assim, gosemos, querida,
Quem ama está sempre alerta ;
Dos corações foge a vida,
Quando o amor não os desperta.



Idyllio

Por uma tarde scintillante,
Nós fomos, meu amor,
Colher num prado bem distante,
Pomos em flôr, ó flôr.

Espadanava o sol no espaço,
Raios mil, raios mil,
Partimos juntos, braço a braço,
Pelos vergeis de Abril.

Risonhos bosques, verdes campos,
Cheios de luz, de luz,
Por ali fóra, claros lampos,
Derramavam-se á flux.

Uma alleluia pelos ares,
Pelos ares além,
Estrebilhava os teus cantares,
O' rutila Cecem.

Pelas veredas tortuosas
As dôces virações,
Engrinaldavam-te de rosas,
Enchiam-te de ovações.

E fomos loucos, delirantes,
Correndo o matagal;
Que tarde linda! céus brilhantes!
O' sonho sem igual.

Então, a noite sobreveiu,
A treva se espalhou;
De teu olhar no dôce enleio
O amor, emfim, raiou...

Depois, voltamos— longe, longe,
Uma serpente, o mar,
Estranho, orava como um monge,
Numa praia ao luar.

A concha

E' singular da concha a nostalgia,
Depois que deixa as solidões do mar ;
No seio nacarado preludia,
Ouve-se dentro a vaga marulhar.

Semelha á concha o coração humano :
Quando perdida a juventude e o ardor,
Ainda guarda no profundo arcano
Fundos vestigios do primeiro amor,

Ao sonho!

Vai, sonho meu, de loucas phantasias,
Ares em fóra, as azas enfunadas;
Como um bando de garças erradias,
Cantando pelo azul das madrugadas.

Vai modular as tuas symphonias,
Nas regiões do céu illuminadas,
No arrebol das estrellas, onde os dias
São serenos e as noites perfumadas.

Então verás, que os astros côr de opala,
Numa enfiada luminosa, em gala,
Submissos passarão por tua frente...

E á luz dos sóes, fulgindo as primaveras,
No scintillar eterno das espheras,
Serás, ó sonho meu, omnipotente!

Telas

Telas

Pintei céus côr de rosas, céus de opala,
Na tela azul da minha phantasia;
Usei das tintas rutilas da gala,
Quando o deleite n'alma me sorria.

Fundo pesar agora me avassalla,
Ouço em tudo gemidos de agonia;
Prantos convulsos, temerosa falla,
Vibram-me n'alma tragica, sombria.

Grasnam os corvos em tropel medonho;
Crebra visão fantastica de sonho,
Torvelinha em corcovos de serpente...

Por cima um céu cortado de procellas,
Fecha o scenario lugubre das telas,
Que eu pinto agora desoladamente.

O filho

Era-lhe o riso a poderosa clava.
Contra o altar, contra o rei e o preconceito :
Seu grande riso alvar tudo chasqueava.
Ria do Mal, zombava do Direito.

Como a manhã abre o dia, elle o peito
Abria ao riso atroz que no ar vibrava...
Um dia á casa volve ; junto ao leito
A esposa afflicta ; o filho agonisava.

"Meu filho!" — bravejou como um rugido.
"Oh! quem o salva! quem lhe dá conforto!"
Fundo gemido o infante foi soltando...

Louco de dôr, ouvindo esse gemido,
Nos braços envolvendo o filho morto,
Ainda ria mesmo soluçando.

Pesadello

Como um rio de penas que desagua,
Está minh'alma ardente borbulhando,
No pelago das dôres e da magua,
Para cumprir o crime seu nefando.

Assim, cahindo vai de fragoa em fragoa,
Atormentada, qual sinistro bando
De passaros nocturnos, que por agua
Abaixo, nos abysmos vai rolando...

E vai descendo tragica, demente,
Scindindo a treva, pelo bosque denso,
Por sobre os alcantis e o solo ardente...

Noite infernal! horrivel agonia!
Ah! que martyrio! pesadello immenso!
Até que emfim, vejo raiar o dia!

Nessun maggior dolore...

Vão desta vida os annos se afastando,
Tristonhos para o mar do esquecimento;
Da consciencia as forças torturando,
Abatendo a razão e o sentimento.

Tambem dos gosos vai o alegre bando,
Como folhas tangidas pelo vento,
Estrepitoso, aos ares derramando
O fumo dos prazeres de momento.

E vão, e vão as illusões perdidas,
De amor, de glorias, tristes, combalidas,
Rolando para o pégo da descrença...

E dentro d'alma, então, um dobre sôa,
Todo um porvir brilhante se esboróa,
Da saudade pungindo a dôr immensa.

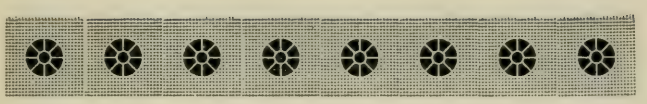
Impulsivo

No varonil semblante calmo e honesto,
Parece resumir a santidade,
Tanta doçura expande o rosto mesto,
Como se um Christo fôra de bondade.

Guarda n'alma, porém, feroz maldade,
Que nem o labio exprime nem o gesto,
Sob o manto da fria austeridade,
A perfidia se occulta, ruge o incesto.

Ninguem lhe vê o torvo desvario ;
O rosto meigo nunca está sombrio ;
Ninguem lhe vê a origem das tormentas.

Emtanto, para o crime elle abre o vôo,
Que uma fatal nevrose condemnou-o,
A praticar acções sanguinolentas.



Somnambula

(LENDO WILLIAM)

Noite de horror ! um véu sombrio cobre
O espaço inteiro ; a terra um sorvedouro ;
Ninguem lobriga um astro, nem descobre
Uma nesga do azul immorredouro.

Grasnam os corvos dentro da procella ;
O céu da Escossia, torvo e lutulento,
Despeja raios, todo se arrepella,
Lembrando uma alma cheia de tormento.

Olhar parado, tragica e soturna,
Do palacio nas amplas galerias;
Lady Macbeth passeia taciturna,
Presa de horrores e visões sombrias...

As manchas lhe não sáem das mãos delgadas,
Que o crime horrendo em tudo se annuncia;
Gritos de angustia, vozes abafadas,
Ouve a rainha somnolenta, esguia.

Do rei o sangue é o que ella vê sómente,
E esfrega as mãos reaes, enfurecida:
Subito, acorda em ancia, e de repente,
No criminoso peito extingue a vida.

FIM

INDICE

INDICE

Pag.

Paizagem 7
O penhasco 9
A estrada 11
Plenilunio 13
Do alto 15
Romper do sol 17
Estrellas 19
Vesper 21
Vesuvius 23
Impressionista 25
Buccolicas 27
Sonhando 33
Post tenebras 35
Rio de amor 37
Miragem 39
Olhos 41
Passaros 43
Extase 45
Fakir 47
Ave ! 49
Olhar 51
Passeio 53
Allucinação 55
O amor 57
Anhelo 59
Aspiração 61
Luar 63

Velha historia..... 65
As amoras..... 67
Marinha..... 69
Idyllio..... 71
A concha..... 74
Ao sonho!..... 75
Telas..... 79
O filho..... 81
Pesadello..... 83
Nessun maggior dolore..... 85
Impulsivo..... 87
Somnambula..... 89

Acabou de se imprimir aos 5 de
Setembro de 1900 na
Typ. Aldina, Rua d'Assembléa n. 96.

PQ
9697
O55R4

Oliveira, Isaias de
Reliquias

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 02 04 06 001 9